

A natureza abstrata da animalidade: pintura viva, natureza morta

Há aproximadamente 5 anos, Raquel Nava procurava ossos de coelho para integrar um novo trabalho composto por objetos do cotidiano feitos com partes deste animal. Sua pesquisa artística, centrada no campo da pintura, desdobrava-se também em experiências com desenhos, objetos, dança e vídeo sinalizando seu interesse por questões corpóreas e de natureza material. Aos poucos, as relações entre humanos e animais, mediadas pela cultura, começaram a despontar em sua produção. Sua coleção de objetos feitos com peles, pelos, cascas e ossos crescia e começou a fazer parte de instalações e fotografias.

Através de um amigo, a artista chegou ao Hospital Veterinário da Universidade de Brasília a fim de encontrar materiais e de conhecer técnicas de preservação de matéria orgânica, uma necessidade que surgia como consequência de suas novas investigações. Assim, conheceu César Leão, profissional responsável pelo cuidado e taxidermização dos animais mortos doados ao hospital que compõem o Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília.

O interesse de Raquel Nava pela nossa relação – quase sempre predatória - com os bichos teve início como uma investigação pela origem de um pigmento, o vermelho carmim, cor bastante utilizada em suas pinturas e com um significativo valor para a história do Ocidente.

Utilizado hoje largamente pela indústria na fabricação de tintas, cosméticos e, especialmente, em alimentos processados, o carmim era utilizado durante o período colonial para tornar vermelhas as vestes de cardeais. A cochonilha do carmim, bichinho minúsculo, espécie de pulgão que habita os cactos do México, da Bolívia e do Peru, dá origem a este pigmento. Os corpos das fêmeas deste inseto, ao serem macerados com um aglutinante, dão origem à cor vermelha vibrante que durante muito tempo foi símbolo de nobreza e singularidade. Antes de tornar-se matéria-prima do cor-de-rosa mais comum encontrado nos iogurtes de morango em todos os supermercados do mundo, a cochonilha valia ouro¹.

É para estas e outras tantas transformações na forma de consumir e de nos relacionar com corpos animais – ou com nossos próprios corpos?² – que o trabalho de Raquel Nava se dirige. Afinal, onde reside a ideia da animalidade, no próprio animal ou na fantasia humana?

A partir de uma perspectiva pictórica e do uso de paletas cromáticas nada melancólicas, a artista organiza suas composições com matérias orgânicas e inorgânicas que jogam com nossa consciência acerca da forma de nos manter vivos e de seguir temendo a morte.

Dialogando com a tradição das *Vanitas*, gênero da pintura associado à Natureza Morta, no qual se buscava evidenciar a transitoriedade da vida, da vaidade e a concretude da morte, Raquel Nava atualiza estes sentidos confrontando de forma pulsante a relação entre os fluxos de *eros* e *tânatos* bem no seio do capitalismo contemporâneo.

Apresentados é uma exposição que traz à Alfinete Galeria parte do trabalho desenvolvido para o projeto Taxidermia contemporânea: Transformações e Apropriações, contemplado com o financiamento do Fundo de Apoio à Cultura do DF – FAC, e trata de celebrar o extenso trabalho de pesquisa realizado pela artista nos últimos anos, com a colaboração de César Leão.

Desde o início, este encontro tem produzido uma infinidade de trocas, conversas, obras e inclinações que friccionam o campo da arte e da ciência, assinalando também suas familiaridades.

¹ *A cochonilha vale ouro: narrativas cromáticas do carmim* é o título da dissertação de Mestrado de Raquel Nava defendida em 2012.

² Como já assinalado pelo curador Raphael Fonseca anteriormente em texto sobre a exposição Bestiário, da qual esta artista participou: “Uma coisa, porém, parece certa e merecedora de repetição: é tudo sobre os nossos corpos.” Disponível em <https://www.portasvilaseca.com.br/uploads/artistas/textos/28467e566ac317fc5645f903a6b31467.pdf>

Durante a residência no Hospital Veterinário, foram produzidas as séries fotográficas Paleta, Azul por tu / Blue for you e Poeira.

Estas novas obras evidenciam as escolhas formais e conceituais desta artista que resultam, quase sempre, em variações cromáticas específicas – rosa, prata, azul, marrom, branco. Estão dispostas nas mesmas cenas objetos metálicos de cozinha, mobiliário veterinário hospitalar, animais taxidermizados, esqueletos de aves e roedores, linguças, salsichas, um bloco de presunto, fatias de mortadela, bacon, iogurte de morango, carcaças.

Gato, cobra, capivara, tartaruga, cavalo, gambá e rato convivem numa fauna absurda que solicitam nossa memória das experiências com a animalidade e com a natureza perdida em algum documentário da TV. Junto a eles, pigmentos coloridos artificiais, plumas, frutas, plantas, pó.

Paleta e Azul por tu / Blue for you tem em comum um trabalho de elaboração cênica complexo, a primeira num ambiente todo rosa e a segunda, num espaço todo azul.

A presença dos alimentos embutidos reforça a distância entre a consciência da origem do corpo abatido e o momento em que é consumido por nós. Formas abstratas do porco tomam conta das geladeiras carnívoras, facilitando o esquecimento da morte para quem vive em contextos urbanos e industrializados, cada vez mais distantes das formas vivas que se transformam na indústria. Qual a chance de uma criança urbana conhecer um porco de verdade em sua vida? Se pergunta a artista.

Natureza ama esquecer-se, série de 2015, trata destas distâncias chamando atenção para esta cultura que evita a relação com a morte a qualquer custo. A série Poeira, presente na exposição, retoma a ideia e evidencia a referência às *Vanitas* barrocas.

Afirmaria ainda que uma curiosidade intensa sobre a efemeridade da matéria coincide de forma assertiva nas pesquisas e nos afetos da artista e do cientista. Respostas sobre a vida e os mistérios de sua desapareição não se mostram facilmente. Elas escondem-se sempre na curva de nossas perguntas. Necessitam de constante elaboração em forma de interrogações escritas ou imaginadas, solicitam testes inúteis, hipóteses, imitações, simulacros, muitos artifícios. Estariam, neste caso, tanto a arte quanto a ciência buscando assimilar outras formas de narrar nossa própria desapareição?

Esta exposição apresenta uma série de evidências em forma de perguntas e composições impossíveis. Rastros constantes da curiosidade humana em forma de exercícios para enganar a morte: que seja terno como nos trabalhos de Raquel Nava esse encontro das peles, pelos, carnes e ossos com as plumagens fluorescentes e a purpurina no último carnaval.

Yana Tamayo
Agosto de 2018